



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## A FORÇA DOS TRAJES NAS PERFORMANCES DE BERNA REALE

*The strenght of costumes in Berna Reale Performances*

Bessa, Ricardo André Santana; Mestre; Universidade de Fortaleza<sup>1</sup>,  
ricardoandrebessa@unifor.br  
Frota, Rodrigo; Mestre; Universidade Estadual do Cariri<sup>2</sup>,  
[rodfro@gmail.com](mailto:rodfro@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho investiga a importância e a construção sónica do corpo e dos trajes usados pela performer paraense Berna Reale em seus trabalhos. A artista é uma potente performer brasileira da contemporaneidade e desde a década de 1990 tem se destacado por uma obra que usa esses elementos para tensionar temas como violência e preconceito.

**Palavras chave:** Berna Reale; trajes; performance; corpo; arte na rua.

The present article investigates the importance and the sign construction of the body and costumes used by the performer from Pará Berna Reale in her works. The artist is a powerful contemporary Brazilian performer and since the 1990s she has stood out for her work that uses these elements to tension themes such as violence and prejudice.

**Keywords:** *Berna Reale; costumes; performance; body; street art.*

### 1.Introdução

Bernadete de Lourdes Guerreiro Reale (Berna Reale) é hoje uma artista que transpôs as fronteiras do Pará, e tornou-se uma das mais significativas artistas

---

<sup>1</sup> Doutorando no programa em Artes Cênicas -Teoria e Prática do Teatro (USP) , mestre em Moda, Cultura e Arte (SENAC-SP), especialista em Escrita Literária (FFB UNI) e graduado em Estilismo e Moda (UFC). Professor da Universidade de Fortaleza. Atuando em teatro há 30 anos, é diretor, dramaturgo e figurinista. Pesquisador sobre trajes de quadrilhas juninas. Participa do grupo de pesquisa Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Professor do curso de licenciatura em teatro na Universidade Regional do Cariri (URCA), lotado nas disciplinas de visualidades da cena e encenação. É bacharel em interpretação teatral (UFBA), mestre em Artes Cênicas e aluno regular do doutorado pelo PPGAC na UFBA. Professor, ator, diretor de arte e cenógrafo. Nos últimos 13 anos criou mais de 150 cenografias para teatro, shows musicais, espetáculos de dança, entre outros. Assinou 5 direções de arte para cinema.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

contemporâneas do Brasil. Com o uso de diferentes suportes expressivos e linguagens, como a performance e a fotografia, ela usa seu próprio corpo e os trajes como ferramentas para a criação de suas obras.

A violência que se manifesta em agressões cotidianas é um tema recorrente na obra da performer, especialmente aquela que desestrutura a sociedade, humilhando o indivíduo de forma disfarçada e perversa. Assim, em suas obras, ela evidencia os mecanismos insidiosos de perpetuação do poder, a manutenção da ordem e privilégios vigentes, a exploração do trabalho, a colonização, as relações de dominação econômica; racial, social ou de gênero; revelados pelas relações do corpo performático com o espaço e das conexões entre traje e sociedade.

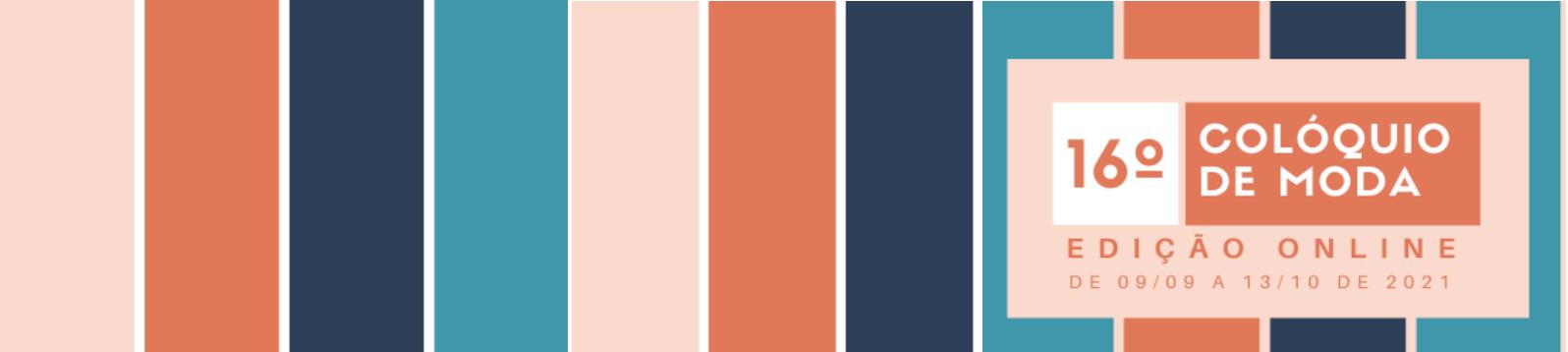
## **2. “Reale” e a performance.**

De forma ampla, a arte da performance esteve e está vinculada a quebra de alguns paradigmas no campo artístico: o da arte tradicional, do próprio objeto de arte, do distanciamento entre artista e público, das relações entre privado e público. Berna Reale trabalha essas rupturas, ao se apropriar e estabelecer uma linguagem transgressora e efêmera, discutida por Lacerda e Ribeiro (2019). O corpo é usado como símbolo e serve como suporte para diversas manifestações da artista, uma expressão a ser analisada, discutida e refletida, mesmo que em alguns momentos, cause estranhamento, principalmente por se situar na utilização de lugares sociais públicos, priorizando as ruas e espaços abertos.

Para além, entre as diversas definições do ato performático como arte multidisciplinar, arte de fronteira, arte híbrida etc., a de Cohen (2002) talvez revele um caminho para a investigação das criações de Reale e de como corpo e trajes são actantes nos seus trabalhos:

Apesar de sua característica anárquica e de, na sua própria razão de ser, procurar escapar de rótulos e definições, a performance é antes de tudo uma expressão cênica: um quadro sendo exibido para uma plateia não caracteriza uma performance; alguém pintando esse quadro, ao vivo, já poderia caracterizá-la. (p.28).





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Como expressão cênica ela se utiliza do choque visual como instrumento de comunicação urgente e alerta, captando a atenção do público. Como um grande guarda-chuva, nas obras de Berna Reale são abarcadas pelo enquadramento político e social, revelando uma realidade chocante. A expressão visual materializada através do corpo, trajes e espaço em suas performances, se torna o principal instrumento de sua produção artística.

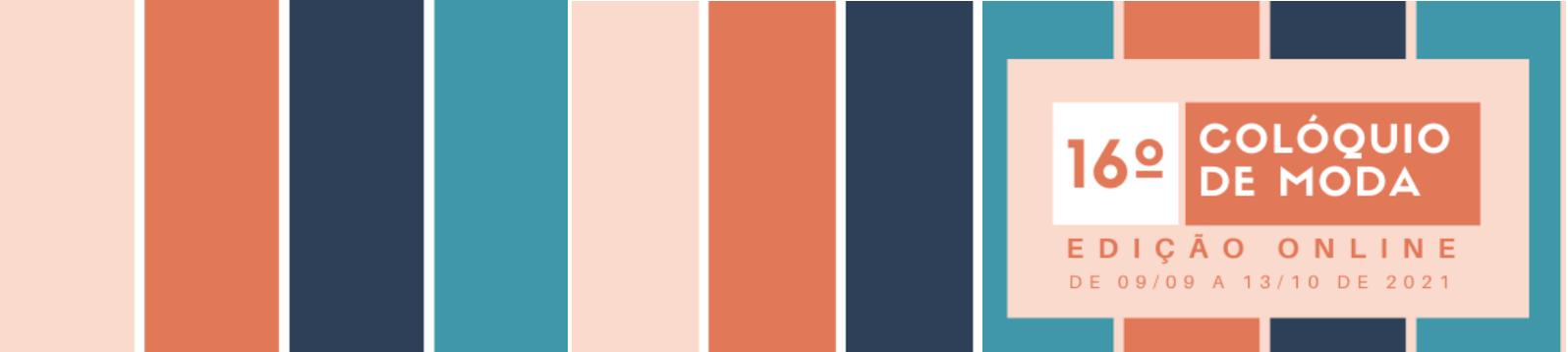
Berna estabelece um jogo com as estratégias psicológicas e emocionais, onde esses elementos (corpo, traje e espaço), efetivam uma dimensão figurativa da agressão, da ameaça, do fracasso, do risco e da morte. Um grito contra o silenciamento social que oprime a possibilidade de intervenção, não só no domínio e meio público, mas também em seu contexto privado ou doméstico (Rocha, 2014). Como a própria artista descreve:

A violência silenciosa ou a que é observada em silêncio, sem dúvida é a que mais me angustia. Silenciosa no sentido mais amplo possível, silenciosa no que diz respeito à tortura, aquela cometida entre paredes, a silenciosa por parte dos espectadores e silenciosa por meio do poder. (REALE apud FONSECA, 2013, s/p)

Com o uso de contrastes radicais entre meio social e corpo, com os trajes “discursando” perante as ações minuciosamente criadas, Reale acaba por desvendar aspectos ocultos das relações de poder e dos caracteres opressores individuais ou sociais. Assim a artista, que se define como uma pesquisadora obcecada, trabalha os seus projetos visuais com fortes referências simbólicas, plasmando signos de grande impacto no coletivo. As performances, por vezes, giram em torno de personagens icônicos e identificados justamente pela indumentária, ainda, a composição dos objetos no espaço tornam-se símbolos universais, corroborando para profundas narrativas imagéticas voltadas a discutir as questões que decide abordar.

Na relação entre os suportes e as linguagens, ao contrário do que ocorre em muitos trabalhos performáticos, a artista não supervaloriza a ação em detrimento aos registros; fotos e vídeos – os suportes fazem parte e são objetivos inseridos na obra – não se apresentam como resíduos memorialísticos ou elogios ao efêmero, mas produtos





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

autônomos e potentes, associados à semiologia e a sua pesquisa estética (Itaú Cultural, 2021).

Assim, sua obra promove, especialmente através da expressão visual do corpo, rasuras incômodas, afetando e estranhando. Em vista que se apropria dos discursos hegemônicos e passa a desconstruí-los para falar, para gritar, para ampliar a voz, para denunciar. Ao abordar a denúncia por meio das suas performances, submete os sujeitos mais comuns que circulam nos diferentes espaços sociais a uma reflexão vertical, diante desse movimento, tenta subverter a alienação da realidade cotidiana, reservados às minorias (SOUSA, 2020).

### **3. O corpo e os trajas nos trabalhos de Berna Reale.**

Uma das primeiras obras que chamaram atenção do público, aconteceu em 2006, no 25º Salão de Arte do Pará com o trabalho *Cerne*, uma intervenção fotográfica performática, realizada na feira de carnes do mercado Ver-o-peso. A performance (Figura 01) transcorria nesse mercado, a céu aberto, numa tarde de domingo. A artista montou uma mesa, forrou-a com uma toalha branca de rendas, despiu-se por completo, deitou-se e cobriu-se de carne crua.

Ao mesclar sua musculatura com a vianda, uma nova matéria se apresentava; um corpo/carne, a pele convertida em traje/carne. Viana (2009) afirma que um dos trajas mais potentes que viu na vida, foi justamente um realizado através de uma pintura corporal sobre a pele, na performance “Pedra” da guatemalteca Regina José Galindo. Da mesma forma, ao apresentar um “novo corpo/carne”, um "corpo/traje", Reale conseguiu ampliar os significados dos corpos cis femininos explorados pela sociedade opressora, de forma profunda e reveladora. Lacerda e Ribeiro (2019) afirmam:

Estabelecendo narrativas, percursos, ações, ela coloca seu corpo em situação que se transfigura em si mesmo todo o peso imposto aos corpos. É através dele que é possível enxergar suas reflexões e críticas contundentes. [...] Berna Reale realiza suas performances trazendo consigo seu corpo investido de simbologia potentes para provocar no público, experiências emocionais, intelectuais e afetivas (LACERDA e RIBEIRO, 2019, p. 76-77).



Aquele corpo/traje/carne “[...] passou a tarde inteira ali, imóvel. Ao redor, urubus, atraídos pela carne, e olhares curiosos” (El País Brasil, 14/07/2007). Esse corpo/traje/carne estabelecia uma relação fundamental com o “cenário” em que a performance se desenrolava; os urubus, os barcos, os pescadores das embarcações, agiam como signos do cotidiano daquele local, estabelecendo uma nova dinâmica cultural. Uma expressão cênica referente e ao mesmo tempo, presentificada. Para Santos:

Nesta perspectiva, ao ser composto pelo corpo – no corpo e a partir do corpo – esta imagem/corpo em cena parece ganhar dimensão de representável mais em função da relação que estabelece com os outros elementos da cena, ou mesmo, na situação em que está inserido, do que pela sua construção de códigos. (SANTOS,2010, p.39).

Assim, o corpo/traje/carne foi capaz de mobilizar novas dinâmicas e novas forças, revelando uma camada da realidade, antes encoberta. A concretude visual proposta por Reale, provocava, obrigava o estabelecimento de outro olhar, fronteiro, por parte do espectador, visto em “Quando todos calam (Figura 01) e “Limite Zero” (Figura 02).

Figura 01: Performance **Quando todos calam.**



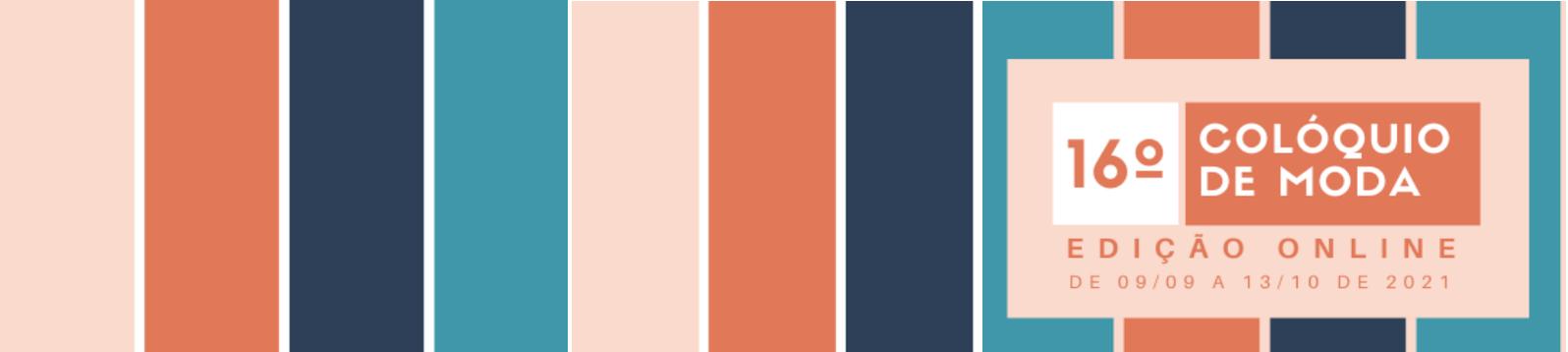
Fonte: Site nararoesler.art (2021)

Figura 02: Performance **Limite Zero**



Fonte: Site topicoespecialvideoarte.wordpress.com (2021)

O corpo desnudo, também é “traje” em *Limite Zero* de 2012 (Figura 02). A artista nua era carregada por dois homens, com os pés e mãos amarrados em uma barra de ferro, como um animal é levado ao matadouro. A identificação dos homens era



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

incerta, vestidos com calças e camisas brancas, botas, toucas e máscaras, aparentavam trabalhar como açougueiros ou enfermeiros (Figura 02).

Na obra, a nudez da performance dialoga com os trajes dos seus algozes e provocava discussões sobre o sacrifício, a objetificação do corpo feminino, denunciando a violência sofrida por esses corpos.

Em outra via simbólica, revela Marques e Santos (2017), esse corpo também podia denunciar as estruturas consumistas, que amparam a manutenção do *status quo* imposta à organização social:

O ambiente urbano, dentro dos padrões sociais em que vivemos, seria o ápice da organização no que diz respeito ao convívio e ao consumo de bens. Ele se sustenta pela falácia da organização e da civilidade, que cai sobre terra ao ser palco e elemento de destaque dentro da performance “Limite Zero”, uma vez que a presentificação da cena performática passa, ela própria, a denunciar o abuso, a opressão e a violência direcionada aos corpos em situação de invisibilidade social: mulheres e animais, por exemplo (MARQUES e SANTOS, 2017, p.167).

Para Flávia Santos, o corpo da artista nesse trabalho, é colocado numa situação de vulnerabilidade, sacrifício ou de oferta, para criar uma intersecção com as dinâmicas que tangem os abusos e a violência sofrida pelos corpos, sobretudo os femininos (SANTOS, 2019). Segundo Rocha (2014), é oportuno compreender que nesta dinâmica da ação (performance), o corpo carregado promove uma reação silenciosa por parte do público em choque, estado que contribui para a ausência da tomada de uma posição.

Esses temas incômodos para a convenção social se repetem em vários dos trabalhos de Reale e ainda são capazes de refletir sobre os valores universais da vida e da morte como em *Ordinario* (2013), visto nas figuras 03 e 04.

Figuras 03 e 04: Performance Ordinario



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021



Fonte: Site bernareale.files.wordpress.com (2021)

Nessa performance, registrada em vídeo, Berna transportava em um carrinho diversas ossadas pertencentes às vítimas anônimas de homicídios, dadas como desaparecidas, frutos de desovas. A performance revela a realidade dos cemitérios clandestinos, onde os restos corporais, depois de recolhidos em depósitos, não são reclamados e nem reconhecidos por exames de DNA (AMBROGI, 2021), sobras de corpos invisíveis. Uma abordagem silenciosa sobre o genocídio das populações empobrecidas e periferizadas. Berna veste uma túnica negra de mangas compridas (SANTOS, 2019), remetendo simbolicamente à figura da morte. O preto, além de refletir também o estado de luto, espelha a dor diante dos corpos iluminados. Homenagear os mortos, vestir luto, é uma forma simbólica de protesto diante do descaso público e da violência da periferia de Belém, sendo capaz de revelar uma realidade presente em várias periferias brasileiras. Santos (2019) complementa:

O que podemos perceber com *Ordinário*, e de forma geral em todo trabalho performático da artista, é uma variação no fluxo de informações e de trocas simbólicas com o global - que costuma transcorrer de forma assimétrica do global para o local ou dos centros hegemônicos para as periferias - através da posição afirmativa do local (SANTOS, 2019, p. 93).

Em outra performance, *Soledade* de 2013 (figura 05), apresentada em vídeo, Reale atravessava uma zona periférica de Belém, guiando uma biga romana puxada por porcos.

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Figura 05: Performance **Soledade**



Fonte: Site [pedroambrosoli.wordpress.com](http://pedroambrosoli.wordpress.com)

Trajada formalmente com um *tailleur*, peça de roupa que impõe uma classe, uma postura ereta e aristocrática, e também uma referência à ex-presidente Dilma Rousseff (Revista Trip, 2016). A indumentária possuía a cor azul, que além de poder se relacionar ao etéreo, efetivamente durante a performance se misturava com a amplitude do céu de Belém. Um colar de pérolas completava o traje, símbolo comum de uma mulher clássica e abastada.

Esse corpo imponente desfilava pela periferia de Belém. Na fotografia é possível notar um contraste claro e estarrecedor entre os trajes da performer e da mulher que observa a biga passar: eles destoam. A artista revela a distância abismal entre as diferentes classes sociais. O traje, a moda, revela a estratificação desses corpos cis femininos. Segundo Braga (2008), o vestuário sempre foi um exemplo de poder e status, uma espécie de estratificação social.

Em 2014, Berna apresentou *Cantando na Chuva* (Figura 06). Na performance, realizada em um lixão, a artista usa um terno dourado com uma gravata do mesmo tom, uma máscara anti-gases e um guarda-chuva, também dourados, que completam a composição visual. Um tapete vermelho estendido sobre o lixão ajuda a destacar o corpo da performer.

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Figura 06: Performance **Cantando na chuva**



Fonte: Site [artemultiplos.com.br](http://artemultiplos.com.br)

No conjunto visual é possível observar uma nova denúncia de Reale, a exposição da desigualdade social, pobreza, e especialmente, a cegueira da sociedade diante de uma parcela da população que vive em situação de vulnerabilidade. Em cenário apocalíptico e surreal, vestida de dourado da cabeça aos pés, ela estabelece uma crítica sarcástica e irônica, revelando um retrato de uma sociedade alienada e consumista. O corpo/traje/ouro performático dança sobre a miséria, e desfila como uma celebridade imponente ajudada pelo tapete carmim. Ela não caminha sobre o chão sujo e indigente.

É possível perceber o uso constante dos símbolos, das mensagens visuais e da semiótica em sua prática. Sobre isso, Reale depõe.

Eu leio de vez em quando, mas eu gosto muito porque a semiótica ela pra mim é uma síntese: de todo um conceito, de toda uma história, de toda uma cultura. Muitas vezes um símbolo carrega com ele muitas e muitas histórias de muitas e muitas sociedades para que ele seja legitimado como símbolo. E eu gosto de estudar isso e usar isso no meu trabalho porque ele simplifica (REALE, 2019 in SANTOS, 2019, p.98).

O nome do trabalho, *Dançando na chuva* é uma referência a um clássico de Hollywood, reafirmando, em outra camada, uma crítica ao imperialismo das nações hegemônicas que também é recorrente em sua obra. O trabalho performático de Berna

Reale soma-se à vasta produção artística da América Latina que vêm sendo impactada pelas mudanças culturais, políticas e sociais do complexo processo de globalização, cuja obras carregam marcas de e expressões das formas simbólicas de pertencimento ao local que nasceram ou que habitam (SANTOS, 2019, p. 100).

Ainda em 2014, Berna apresentou em vídeo a performance *Rosa Púrpura* (Figuras 07 e 08), uma espécie de manifesto, em que seu corpo se junta a 50 corpos femininos. Berna conduzia a performance à frente de uma banda militar.

Figuras 07 e 08: Performance **Rosa Púrpura**



Fonte: Site artsy.net (2021)

Fonte: leilaodearte.com

Todas as mulheres trajavam uniformes típicos das escolas tradicionais só para “meninas”: saia pregueada, meias brancas na altura do joelho, camisa branca abotoada na frente. Um conjunto que remete ao fetichismo machista, relacionado às fantasias sexuais relativas às “colegiais”. O traje era complementado por um objeto inserido na boca das mulheres, um acessório que adicionava aos rostos femininos uma conotação sexual, ligação direta à boca das bonecas infláveis. Uma analogia entre o corpo fêmeo e a objetificação sexual, refletindo mais uma a violência sofrida pelas mulheres. Em um confronto entre performance e realidade, os 50 corpos que participaram desse trabalho sofreram algum tipo de violência (LACERDA, 2019).

Em 2019, Berna escancarou o tema do racismo em *Ginástica da pele*, onde a “cor” de quem luta as prisões brasileiras era denunciada, a própria artista contextualiza:

Este trabalho simula o exercício de prender, de encarcerar nossa juventude...são garotos negros que estavam andando na rua sem

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

camisa porque jogaram bola, saindo de uma festa, ou apenas caminhando, sem indícios de criminalidade. Os brancos, por serem tatuados, gays e pelo corte de cabelo (Revista Trip 17/12/2019).

Nesta performance, mais uma vez Reale trabalha com outros corpos, cerca de 100 jovens que já haviam sido abordados pela polícia em Belém, semidespidos, sem camisas, com um calção de uniforme prisional em tons da pele de acordo com a melanina dos corpos. Em oposição, os trajes com certa neutralidade, escancaram uma metáfora da cor principal presente nas prisões, e como esses corpos também são neutralizados e são obrigados a viver à margem da sociedade.

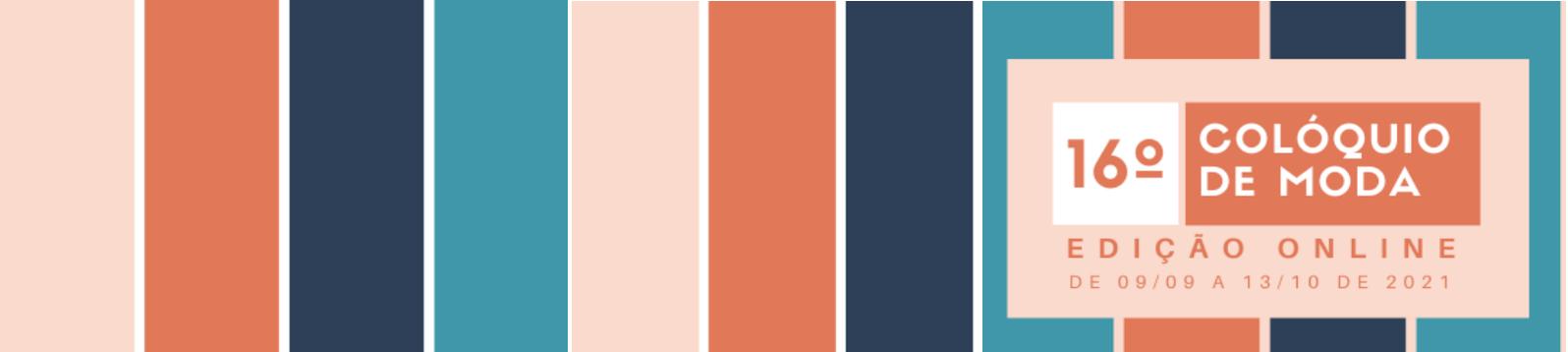
Figura 09: Ginástica da pele



Fonte: Site [revistatrip.uol.com.br](http://revistatrip.uol.com.br)

A performer contrasta com esses corpos estigmatizados, trajando uma camiseta branca, calção/bermuda azul marinho e um boné escuro, incorporando a vestimenta de um policial/educador físico. A obra estabelecia uma crítica à violência policial motivada principalmente pelo preconceito racial, social. Para o site do *Premio Pipa 2019*, Reale fala sobre essa performance:

O trabalho mostra negros, brancos, excluídos, gays, silenciados, todos os que vivem à margem e sem os olhos do Estado sobre eles, sem as mesmas chances, todos fazem parte das estatísticas prisionais. Este trabalho simula o exercício de prender, de abordar, de encarcerar nossa juventude (Site [premiopipa.com/2019](http://premiopipa.com/2019)).



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Mais uma vez, corpos e trajes foram capazes de rever as experiências e temas factuais, materializando uma profunda crítica social e revelando a realidade cruel dos corpos pertencentes às periferias das cidades, corpos excluídos, desconsiderados e violentados. A performance sofreu críticas de pessoas e de movimentos negros, pois apesar da denúncia que fez, Reale é uma mulher cis branca e concursada como policial no estado do Pará. A performance evidencia o sistema carcerário, mas traz questionamentos sobre o alcance da mesma ou o que ainda ocorre no sistema prisional.

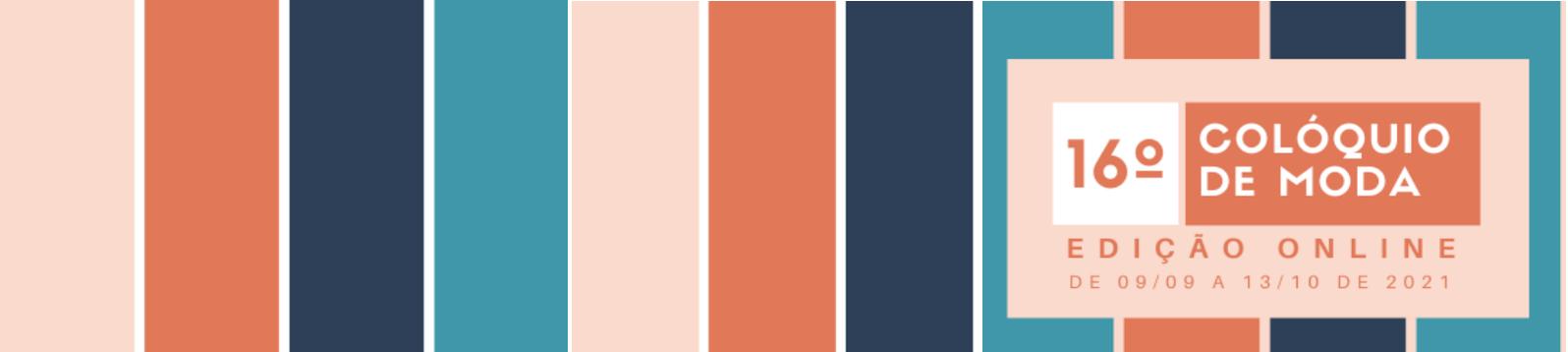
#### **4. Considerações finais**

As performances de Berna Reale refletem os limites da vida e da arte, e nos fazem encarar, especialmente através do corpo e do traje, a violência constante e cotidiana sobre as minorias. Nada sutil em suas obras, a artista não procura fazer um trabalho intelectualizado, e sim acessível para que todos entendam.

O corpo nu visto em algumas de suas ações reveste-se de uma força que discute efetivamente os temas, ao mesmo tempo que “veste” uma série de significados provocativos, transmutando-se em um corpo/traje. Nos trabalhos de Reale o traje não apenas cobre o corpo, ele comunica-se com o público, amplia a consciência sob o olhar do espectador. Não está ali por acaso. Identifica-se um grande cuidado com os signos eleitos e as matérias que plasmam seus trajes. Todos esses elementos são criados para que tenham uma participação efetiva e primordial dentro das performances.

Analisar apenas alguns de seus trabalhos foi uma difícil escolha tendo em vista a produção perene da performer. Auxiliada por uma rede de amigos que incluem fotógrafos, *videomakers*, assistentes e produtores, utiliza-se ainda de diversas linguagens e suportes para reverberar sua obra. Curiosamente, conversando com Reale em uma rede social, descobrimos que ela idealizava seus trajes e sua própria mãe ajudava na confecção, parceria que não faz mais. Agora a artista trabalha com uma costureira profissional. Suas performances, somadas ao seu corpo e aos trajes, denunciam e escancaram as mazelas de uma sociedade preconceituosa e violenta.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## Referências

BRAGA, João. **Reflexões sobre moda**, volume I. João Braga com a colaboração de Mônica Nunes. E4 ed. Rev.-São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LACERDA, Laís Miguel, e Regilene A. Sarzi Ribeiro. Arte midiática, performance e empoderamento feminino: Berna Reale. *Arte e narrativas emergentes (2019)*: 65.

MARQUES, Bruna Augusta e SANTOS, Patrícia Lessa dos. Koan: **Revista de Educação e Complexidade**, n. 5, dez. 2017. ISSN: 2317-5656

ROCHA, Susana de Noronha Vasconcelos Teixeira da. **Berna Reale: A importância do choque e do silêncio na performance**. (2014): 22-30. Disponível em: 22/06/2021.

ROCHA, Susana. **Práticas artísticas contra o esquecimento dos conflitos cotidianos na América Latina: Berna Reale, Teresa Margolles e Oscar Muñoz**. *Cadernos de Arte e Antropologia* 6.2 (2017): 19-30.

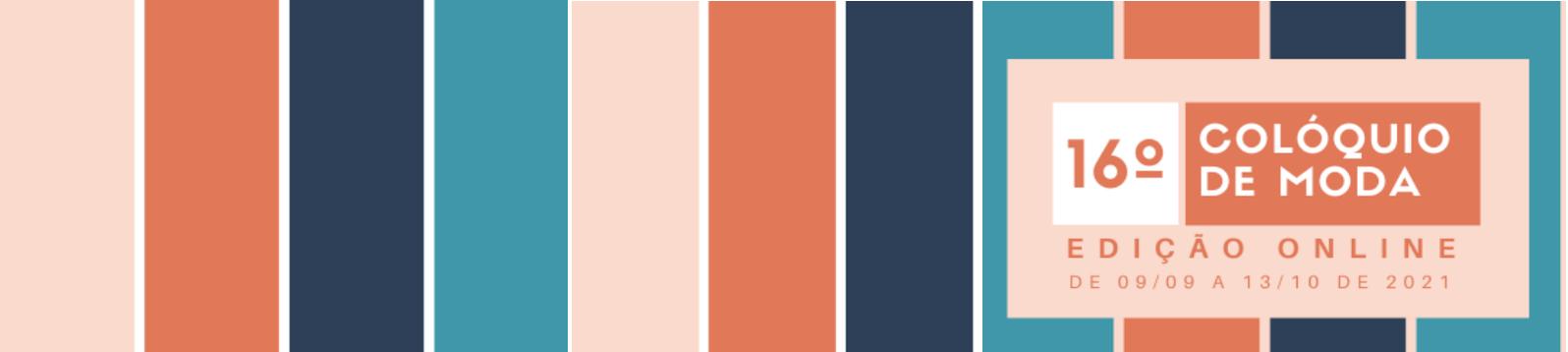
SANTOS, Aurea Cunha. **O ator na cena contemporânea: corpo, imagem e ação**. Disse. Universidade de São Paulo, 2010.

SANTOS, Flávia Santana. **Destecendo bordas: acercamientos com o popular nas performances de Berna Reale (PA) e Maicyra Leão (SE)**. (2019). Disponível em :<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/13455>. Acesso em 21/06/2021.

SOUSA, J.M.S.F., 2020. **Violência, corrupção e poder: performance política em Berna Reale**. *REVELL-REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS*, 2(25), pp.663-681.

VIANA, F.; MUNIZ, R. Figurino: nudez em cena: normal, provocativa... escatológica?. **Obra – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 3, n. 6, p. 30-35, 9 fev. 2009.LACERDA, Laís Miguel, e Regilene A. Sarzi





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Ribeiro. "Arte Midiática, Performance e Empoderamento Feminino: Berna Reale." *Arte e narrativas emergentes* (2019): 65.

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/cultura/1499967146\\_171656.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/cultura/1499967146_171656.html)

<https://topicoespecialvideoarte.wordpress.com/2015/09/28/vazio-de-nos-um-breve-estudo-sobre-performance-videoarte-e-cinema-em-berna-reale/>

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/berna-reale-apresenta-performance-artistica-e-exposicao-racismo-no-sistema-carcerario-brasileiro>

<https://www.artsy.net/artwork/berna-reale-rosa-purpura-number-13>

<https://www.leilaodearte.com/leilao/2018/agosto/52/berna-reale-rosa-purpura-15-10913/>

<https://www.artemultiplos.com.br/peca.asp?ID=2498752>

<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-a-artista-visual-e-perita-criminal-berna-reale>

<https://nararoesler.art/artists/69-berna-reale/>

